

A PARTE NEGLIGENCIADA DO HOMEM

Swami Paratparananda¹

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – setembro de 1965²

QUAL é a ideia que temos do homem? Geralmente, é que ele pertence a uma certa raça, a um país específico, a uma religião particular, a uma comunidade distinta e assim por diante. Ele também é conhecido por ser sábio ou tolo, ativo ou preguiçoso, saudável ou doente, jovem ou velho, virtuoso ou perverso, sofrendo dor ou desfrutando prazer e assim por diante. Aqui, a ideia do homem comum sobre um ser humano chega a um beco sem saída, por assim dizer. O que está além disso, ou ele não se esforça para saber, ou é ignorante a respeito.

Agora, vamos analisar essa visão: raça, saúde, doença, juventude, velhice – tudo isso – o que representam? O que indicam? Um pouco de reflexão mostrará que todas essas distinções só podem ser do corpo. Vejamos, o país indica a localização do corpo, e riqueza e propriedade nos trazem à mente posses materiais. Portanto, em todas essas descrições, pensamos no homem como uma criatura feita de músculos, ossos, carne e sangue, e adicionamos mais alguns bens terrenos quando pensamos nele como possuidor de riqueza.

No entanto, quando pensamos nele como desfrutando prazer ou sofrendo dor, quando atribuímos a ele maldade, estupidez ou preguiça, ou quando atribuímos virtude, atividade ou sabedoria, é claro que, até certo ponto, não pensamos no homem como feito apenas do corpo. Inconscientemente, reconhecemos algo mais nele. Por exemplo, quando dizemos que um certo ato de uma pessoa causa dor a alguém, não é a dor física que se quer dizer, mas os sentimentos da pessoa. Podemos entender melhor se substituímos a palavra “dor” por “tristeza” ou “sofrimento”. Da mesma forma, o prazer é sentido apenas na mente. Também é um sentimento. Da mesma forma, os sentimentos de compaixão, ódio e assim por diante não podem ser do corpo, mas de algo mais; alguns dirão que é do coração, enquanto outros o posicionarão como sendo da mente. Depois, há as faculdades de pensar e querer. Agora, onde quer que esses sentimentos possam estar localizados, é entendido que há algo que é diferente do corpo, que reside nele e que faz esse sentir, pensar e querer. Até aqui, todos concordam, embora alguns materialistas ainda possam insistir que todos os sentimentos também são devidos a mudanças nas células cerebrais. No entanto, o que intriga o materialista é que o corpo, embora suas células cerebrais permaneçam

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do original em inglês, *The Neglected Part of Man*.

intactas, deixa de responder ao estímulo de fora, por mais forte que seja, quando aquela força vital, a vida, o deixou. Por outro lado, isso dá ao crente a ideia de que há algo mais, mesmo além do corpo, dos sentidos e da mente, que habita no corpo e o faz viver e se mover.

Agora, como um homem comum pode saber que há algo que está além do corpo e da mente? A Vedanta nos dá a resposta. Analisa os estados de consciência do homem. Na maioria das vezes, o homem está satisfeito com suas experiências no seu estado de vigília. E a maioria dos intelectuais nem se importa em saber sobre o subconsciente, que está ativo no estado do sono com sonhos e sutilmente forma o caráter do homem em seu estado de vigília. É como um depósito. As impressões que são recebidas na vigília pelo pensamento, palavra e ação de um homem vão formar esse depósito. E sempre que surge a ocasião, aquela impressão específica surge e se apresenta, compelindo a atenção do homem para si mesma. E se o homem sucumbe a essas impressões repetidamente, elas se transformam em um hábito, e o hábito se torna natureza em pouco tempo. Portanto, é necessário que conheçamos nosso próprio estado subconsciente também. É aqui que devemos ter cuidado, pois esse subconsciente forma a base, o fundamento, do caráter do homem. Patanjali diz que, quando a mente de alguém não está livre de ondas, modificações, a mente se torna da natureza das modificações.³ A importância do subconsciente na formação do caráter, bem como em males mentais e físicos, até certo ponto, agora passou a ser reconhecida pelos psicólogos ocidentais também. Mas isso é tristemente negligenciado pela maioria, mesmo entre os intelectuais.

Há outro estado, diz o Upanishad, que é chamado de *susupti*, onde o homem não deseja nada, não sonha com nada,⁴ ou seja, onde não apenas seu corpo, mas todos os sentidos, junto com a mente, descansam.⁵ Este é o sono profundo. Nesse sono profundo, o homem não está consciente de nada, mas, ao acordar, ele se torna ciente de que passou por um estado que era “feliz e onde ele não sabia de nada”. Vamos investigar um pouco essa experiência, que é propriedade de todo homem. Quando o homem diz que estava “feliz e não sabia de nada”, duas experiências são percebidas como entrando na formação desse estado, uma como um corolário da outra. Há felicidade e há ignorância. Ignorância de quê? Do mundo. As pessoas têm medo quando se diz que há ignorância nesse estado. Até o estudante avançado de religião acha difícil reconhecer isso. Nas Upanishads, encontramos estudantes que, mesmo depois de viver muito tempo com um mestre, quando solicitados a analisar esse estado, apresentaram sua genuína dúvida sobre se tal estado pode realmente ser bem-vindo, se há realmente algo existindo nesse estado. No *Chândogya Upanishad*, por exemplo, quando Indra foi ensinado: “Quando um homem está dormindo, com os sentidos retraídos e sereno e não vê sonho algum — esse é o Ser”⁶, ele ficou confuso.

³ Yoga Sutras; I.4.

⁴ Mandukya, 5.

⁵ Chandogya, VI, viii.1.

⁶ Chandogya, VIII, xi.1.

Ele refletiu sobre sua experiência nesse estado e voltou assustado para o mestre e disse: “Venerável Senhor, verdadeiramente, nesse estado, o Ser não sabe de si mesmo como ‘Eu sou isso’, nem conhece essas criaturas. Isso quase equivale à aniquilação. Não vejo nenhum bem nesse estado”⁷. No entanto, quem não sabe que um sono sem sonhos é o melhor revigorante para o corpo e a mente, que é o verdadeiro estado de descanso! O homem também sabe que há felicidade nesse estado. No entanto, diz o Upanishad, isso é apenas a abordagem mais próxima da verdadeira natureza do homem que pode ser feita por qualquer ser vivo. O real está muito, muito acima disso. E isso é o *Ātman*. E isso deve ser visto.⁸ Quando o homem conhece sua verdadeira natureza, quando percebe quem realmente é, ele esquece todo o mundo. Assim, vemos que a verdadeira felicidade não está em acumular tesouros aqui, mas em renunciar a eles, em esquecer tudo sobre o mundo e ser um com o Ser. Como no sono profundo, não temos preocupação, nem a menor ansiedade, nem qualquer anseio, assim, quando o homem percebe sua verdadeira Natureza, ele se torna completamente despreocupado, como uma criança. Agora, podemos perguntar por que, então, isso é equiparado a *susupti*? Não, não há questão de colocar os dois no mesmo nível. Como uma experiência que está ao alcance fácil de todo homem, o estado de *susupti* é citado como um exemplo onde não há desejo, nem sonho, assim como na verdadeira natureza do homem, para dar uma pista sobre a natureza deste último. *Susupti* também é um estado onde existe felicidade pura – uma felicidade que não é induzida por algo externo ao Ser. Mas a comparação termina aí. Em *susupti*, há ignorância tanto do mundo quanto da própria verdadeira natureza⁹. Mas no *turiya*, o quarto estado, como os sábios chamam o estado superconsciente, há conhecimento e iluminação. A ignorância desapareceu, e isso faz uma grande diferença, tão vasta quanto entre a luz e a escuridão. Esse fato não deve ser esquecido. Se for esquecido, então certamente confundiremos a questão. A diferença entre os dois, ou seja, o sono profundo e o superconsciente, é bem destacada por Swami Vivekananda quando disse: “O estado superconsciente não pode ser descrito, mas o conhecemos por seus frutos. Um idiota, quando vai dormir, sai do sono como um idiota ou até pior. Mas outro homem entra no estado de meditação, e quando sai, ele é um filósofo, um sábio, um grande homem”.

II

Agora, essa parte em nós, o elemento espiritual, a alma, o *Ātman*, é totalmente negligenciado por nós. Cuidamos do corpo, da nossa saúde. Desde a infância, isso foi feito por nós por nossos pais. Eles podem ter passado noites sem dormir ao nosso lado em ocasiões, eles também tomaram precauções para cultivar nossa mente. Pois nenhum pai gosta de deixar seu filho se desenvolver em um tolo. Nenhum esforço,

⁷ Chandogya, VIII, xi.1.

⁸ Brihadaranyaka, IV.v.3.

⁹ Kaivalyopanishad, I.13.

dentro de suas possibilidades, será poupado para preparar a criança para enfrentar o mundo. E, quando crescemos, também tentamos nos manter atualizados com os desenvolvimentos que estão ocorrendo ao nosso redor, para que não sejamos considerados atrasados. No entanto, tudo isso é feito para enfrentar o mundo, apenas o mundo exterior. A fome do homem interior não é saciada. Raramente encontramos pessoas que pensam no bem-estar de seus filhos desse ponto de vista espiritual. O pensamento do propósito da vida não é incutido nas crianças, como deveria ser, com o resultado de que um grande vazio é deixado. Além disso, a vida nos tempos atuais se tornou mecânica e passa rapidamente como se estivesse em um avião supersônico. O homem hoje não tem rumo. Ele não tem coragem de enfrentar as consequências do fracasso no mundo, não, ele treme só de pensar nisso. Pobreza, mesmo em nome da religião, ele não ousa aceitar. E isso o mantém agarrado a alguma fonte de renda ou outra até o fim. Naturalmente, nesse clima tempestuoso, é impossível que o homem possa dedicar seu tempo para pensar em coisas mais elevadas. E para tornar a vida mais complexa, as necessidades do homem continuam aumentando a uma taxa telescópica; luxos se tornam necessidades da noite para o dia, e, portanto, para acompanhar o ritmo das crescentes necessidades, a vida do homem é gasta em servidão cada vez maior até que o chamado da morte o arrebate. Onde, então, ele pode encontrar tempo para dedicar a seus exercícios espirituais?

No entanto, o homem esquece que nada real pode ser alcançado sem sacrifício. Os jovens hoje em dia partem em expedições de aventura. Eles escalam encostas perigosas das montanhas, cruzam terrenos difíceis, enfrentam o pior clima, neve, ventania e tudo mais. Muitas vidas não são perdidas nessas expedições? Alguns não ficam permanentemente incapacitados ou desfigurados durante essas aventuras? Se olharmos para esse fenômeno, não podemos dizer que o espírito de aventura foi perdido, apenas foi mal aplicado, mal direcionado. Eles não param para pensar: “Afinal, qual é o nosso ganho nessas expedições?” Um pouco de fama, uma grande ovação por uma vez, ou no máximo um sustento para a vida. Mas então, é isso tudo que viemos buscar neste mundo? Esse é o objetivo da vida humana? Sri Ramakrishna diz que não. O objetivo da vida humana, ele diz, é a realização de Deus, conhecer Deus; vê-Lo; vê-Lo não apenas na Imagem, mas também em nosso próprio ser, estar ciente de Sua presença sempre, primeiro em nós mesmos e depois em tudo. “Apenas aquele que Me vê em tudo e tudo em Mim, não perde Minha presença nem Eu o perco de vista”,¹⁰ diz Sri Krishna. O que significa Deus não nos perder de vista? Significa que não colocamos nenhuma barreira entre o Senhor e nós mesmos. Embora não seja possível que possamos esconder algo de Deus, ainda podemos nos enganar ignorando Sua presença. É isso que a maioria das pessoas faz. Ignoram o Ser Divino que reside em seus corações e, assim, O perdem de vista. Mas quando recuperam a visão de Deus, não há mais ilusão para elas. É isso que Sri Krishna quer dizer neste verso. O próximo *sloka* deixa isso claro: “Aquele que Me adora residindo em todos os seres em

¹⁰ Gita, VI.30.

um espírito de unidade, vive em Mim, qualquer que seja seu modo de vida”.¹¹ Essa pessoa está sempre consciente de sua verdadeira natureza, consciente da presença de Deus; então, ela perde sua identidade em Deus.

Mas o homem tem medo de alcançar a unidade com Deus. Ele fica perturbado quando pensa em perder sua identidade, sua separação. Sri Gaudapāda, o grande mestre de Sri Sankara, declara: “Até mesmo almas avançadas, yogins, têm medo desse *asparśa yoga*, que é difícil de alcançar, pois eles veem medo onde realmente há destemor”.¹² Tão fortes são nossas tendências inerentes, *samskāras*, que é muito difícil e doloroso soltar nossos laços com este mundo, este corpo e o ego. No entanto, é um fato que, a menos que cultivemos um gosto pelas coisas mais elevadas, essas tendências nos prenderão cada vez mais e nos tornarão cada vez mais miseráveis. Portanto, se o homem quer se livrar dos sofrimentos, das misérias, ele deve se esforçar para conhecer sua verdadeira natureza.

Como isso pode ser feito? O *Brhadāranyaka Upanishad* nos dá a direção: “Ouça sobre isso, reflita sobre isso e medite sobre isso”.¹³ Outro Upanishad diz: “Muitos não têm a oportunidade de ouvir sobre isso. Muitos, mesmo depois de ouvir, não o entendem. Maravilhoso é o mestre desse *Vidya* (conhecimento). E raro, de fato, é o estudante que o compreende quando ensinado por uma pessoa sábia”. Que isso é realmente assim, podemos saber pelo estado de coisas no mundo, não apenas de hoje, mas da história de todas as épocas e de todos os climas. Como isso é verdadeiro pode ser conhecido a partir de alguns incidentes que Sri Ramakrishna costumava narrar. As pessoas costumavam vir ao Templo de Kali em Dakshineswar, e entre elas, algumas ficavam para ouvir Sri Ramakrishna. Mas outras, que as acompanhavam, depois de um tempo começavam a cutucar seus companheiros e perguntar: “Quando você vai embora?” Os devotos que estavam atentos ao Mestre apenas sinalizavam para eles que ficassem quietos. Mas depois de algum tempo, eles cutucavam novamente e então diziam: “Você pode vir quando quiser, nós esperamos por você no barco”. Isso não parece estranho? Mas era o que realmente acontecia. Tão profundas eram as tendências, que eles não podiam suportar nem mesmo conversas sobre espiritualidade. E se tais *samskāras* devem ser arrancados, isso deve ser feito quando as pessoas ainda são jovens, quando os hábitos ainda não foram formados, quando a resolução e a força podem ser utilizadas para impedir que assumam qualquer feia forma. Só então podemos ter certeza de nos desapegarmos do desejo por coisas mundanas e nos dedicarmos ao nosso *Ātman*. É como dobrar um tronco de bambu flexível, quando tenro, para a forma desejada. Isso pode ser feito facilmente. Mas uma vez que o tronco amadurece, você não pode fazer nada com ele, exceto usá-lo como está. É difícil dominar essas tendências, e muito difícil é conhecer nossa verdadeira natureza. Não diz Sri Krishna: “Entre milhares de homens, um possivelmente se esforça pela perfeição, e entre aqueles que se esforçam (um talvez se

¹¹ Ibid., VI.31.

¹² Mandukya Karika, III.39.

¹³ Br.Up., IV.v.3.

torne perfeito) e mesmo entre os perfeitos, um possivelmente Me conhece em Minha verdadeira perspectiva”?¹⁴ Sri Ramakrishna costumava cantar uma canção, de um místico tântrico, Ramaprasad, muito expressiva da situação:

*No movimentado mercado do mundo,
Ó Shyama, Tu estás soltando pipas.
Elas sobem alto no vento da esperança,
seguradas firmemente pela corda de Maya.*

*Suas estruturas são esqueletos humanos,
Seus fios feitos dos três gunas;
Mas todo o seu trabalho curioso é apenas
para ornamentação.*

*Nas cordas das pipas Tu esfregaste
a pasta de manja da mundanidade.
Para tornar cada fio tensionado
ainda mais afiado e forte.*

*De cem mil pipas, no máximo
uma ou duas se soltam.’¹⁵*

Você pode estar se perguntando o que a parte negligenciada do homem tem a ver com Deus! Tem tudo a ver com Ele. Se você é um dualista, você é Seu servo e, portanto, lembrar do Senhor faz você consciente de sua entidade espiritual. Se você é um monista qualificado, você é uma parte do Senhor, lembrar do Senhor faz você lembrar também de sua verdadeira relação com Ele. Por fim, se você é um não-dualista, você sabe que o *Ātman* e *Brahman* não são diferentes e lembrar de *Brahman* faz você conhecer o *Ātman*.

Portanto, assim como cuidamos de nossos corpos, cultivamos nossas mentes, cuidamos de nossa riqueza e fazemos todas as outras coisas no mundo exterior, também devemos cuidar de nosso Ser interior. Pois é a fonte de todas as virtudes. Enraizado nele, as virtudes não nos falham. Separado d’Ele, embora possamos desenvolver algumas boas qualidades, quando enfrentamos tribulações, as virtudes aparentes se desgastarão como o revestimento de um ornamento banhado a ouro. O homem hoje se sente desamparado porque negligenciou seu Ser interior. Que tente se lembrar de seu Ser e trabalhar, então encontrará tudo entrando em seu devido lugar novamente.



¹⁴ Gita, VII.3.

¹⁵ The Gospel of Sri Ramakrishna, p.64.